

SENTIMENTOS DE JOVIALIDADE: CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS NO UNIVERSO CULTURAL DO CENTRO DE CONVIVÊNCIA – CG

Valdirene Pereira de Sousa*

A juventude vem deixando de ser apenas uma categoria etária, devido à perda de conexão com um grupo etário específico, e vem se transformando em valor (DEBERT: 2004), um valor que cada vez mais é perseguido pelas biossociabilidades contemporâneas. O culto à juventude se presentifica no meio social através de propagandas, revistas, programas televisivos, filmes, músicas, enfim, vários instrumentos sociais que canalizam constituições de subjetividades avessas à senectude. As imagens de juventude veiculadas socialmente representam um mundo maravilhoso, com histórias de felicidade que aparentam nunca chegar ao fim.

O autor Frank Schirrmacher em seu livro *A Revolução dos idosos*, afirma que essa imposição da juventude na economia é bem recente, o início seria os anos 60, onde fora criada uma atmosfera de rebeldia na moda, na música pop, em todas as esferas; diversão e divertimento se tornaram, então, as palavras de ordem. Ele ainda afirma que esse delírio da juventude vem sendo transportado até hoje pela propaganda para nossa consciência (SHIRRMACHER:2005).

Os discursos imagéticos que são representados pela cultura midiática ditam uma tirania da beleza que aprisiona os corpos, determinando um ideal padronizado a ser seguido, um modelo que precisa ser perseguido obrigatoriamente por aqueles que desejam se sentir inseridos e aceitos socialmente. A velhice, portanto, como imagética que contrapõe os ideais estéticos, é compreendida como um fardo, os idosos são vistos dentro da perspectiva do que “já passou”, e, portanto, segundo a ótica capitalista, não têm mais utilidade no presente, pois vivem nos moldes de um passado que pode ser descartado.

Ser velho significa, de acordo com os ideais éticos e estéticos jovens, estar à margem, ser um “outro” desarraigado socialmente; segundo Bauman aqueles que não comungam e não partilham dessa concepção constituída e reafirmada pela sociedade de consumo precisam, segundo a lógica contemporânea, ser “removidos”, pois se tornam “excessivos e redundantes”, sem espaço social, são os “refugos humanos”, denominação usada por ele em sua obra *Vidas Desperdiçadas*.

Há, no entanto, uma tendência em nosso meio social de fuga e de silenciamento daquilo que nos incomoda, segundo Bauman “removemos os dejetos da maneira mais radical e efetiva: tornando-os invisíveis, por não olhá-los, e inimagináveis, por não pensarmos neles”. (BAUMAN: 2005:38).

*Mestranda em História pela Universidade Federal de Campina Grande.

Ele nos alerta para as atitudes que, freqüentemente, são predominantes em nosso cotidiano quando nos referimos a territórios estranhos, a medos experienciais e simbólicos que determinadas situações ou pessoas nos causam, e, como estamos vivendo dentro de uma ambiência dominada pela cultura do jovem, a figura do idoso enquanto oposição nos causa estranhamento e aversão, portanto, assumimos uma postura de negação do envelhecimento e afirmação da juventude; tentamos ao máximo silenciá-los e retirá-los de cena.

A sociedade de consumo valoriza e sai em busca de um corpo perfeito, um corpo jovem, que demonstre vitalidade e força, ao mesmo tempo esconde as angústias provenientes dessa concepção constituída socialmente. Ao comungar com essa concepção, as pessoas acabam perdendo a noção de velhice entendida enquanto processo, a velhice se apresenta para muitos de forma instantânea, quando se dão conta estão velhos, daí as inúmeras frustrações e angústias que são geradas por não se aceitarem, e não serem aceitos socialmente, começa então a luta pela resignificação em seu universo próprio, pela (re)invenção do cotidiano (CERTEAU:1994).

As idéias não acompanham o envelhecimento físico na mesma velocidade, o choque às vezes se faz inevitável. O envelhecimento precisa ser encarado enquanto um processo que é inerente a todas as pessoas desde o nascimento; ao nascermos já estamos envelhecendo em nível celular. Diz Noberto Bobbio em seu livro *O Tempo da Memória*: “A velhice não está separada do resto da vida que a precede: é a continuação de nossa adolescência, juventude, maturidade” (BOBBIO:1997: p. 09). No entanto, a velhice ainda é encarada enquanto evento; não lidamos com a idéia de envelhecer enquanto um processo natural e nos angustiamos com os sinais que são visíveis, com as rugas, as perdas, com a idéia de finitude que ela traz, “...a velhice, última fase da vida, exprime um ciclo que se avizinha do fim”. (BOBBIO: 1997: 27)

De acordo com Nobert Elias, em nossa sociedade contemporânea ocidental, as pessoas tendem a fugir da idéia de finitude, tornando-se, portanto, visível a dificuldade que as pessoas têm de identificar-se com os velhos e moribundos. Ele diz que o afastamento da idéia de morte é uma tentativa de fugir da lembrança de nossa própria morte, a morte é empurrada para os bastidores da vida social e os moribundos também. “...a partida começa muito antes...muitas pessoas morrem gradualmente; adoecem, envelhecem...a fragilidade dessas pessoas é muitas vezes suficiente para separar os que envelhecem dos vivos. Sua decadência as isola.” (ELIAS: 2001: 8).

Um medo de ser velho que encontra respaldo na sociedade, que tenta mascarar e negar as marcas da velhice, sejam elas físicas, sejam psicológicas. Uma das senhoras entrevistadas no Centro de Convivência expressa de forma cômica a angústia de sentir as modificações corporais que seu corpo vem passando por conta da idade, ela pergunta “minha filha você sabe de algum

remédio para velhice precoce? Pois eu só tenho 80 anos e tô com essas pregas no meu braço, eu não entendo isso!” vemos assim, que o quesito idade, aqui, não se configura enquanto um determinante para o sentimento de velhice, ela se assusta com a forma que o corpo tomou, as rugas causam estranhamento, as marcas epidérmicas refletem fisicamente a aparência que seu corpo adotou, e isso a incomoda.

O próprio corpo delimita a categoria etária de uma pessoa, mas não reflete o ser ou sentir-se pertencente a essa determinada categoria. Ser velho(a) não é uma categoria natural - assim como ser criança, adolescente, adulto -, é um processo que se constrói social e culturalmente. As imagens da velhice em nossa sociedade são constituídas socioculturalmente através da linguagem, no diálogo entre as diferenças e são subjetivadas, na maioria das vezes, como um espelho em negativo. (MAGRO:2003).

“Portanto, nós damos conta de nós mesmos, de nossa própria idade e de nosso próprio grupo etário quando estabelecemos o diálogo com o diferente de nós, o outro, que com seu corpo e modo de existir no mundo social, nos coloca o tempo todo em grupo que delimita as nossas possibilidades expressivas e de sociabilidade”. (MAGRO: 2003:38)

Não podemos perder de vista que as identidades são plurais, elas se constroem dentro de uma teia de significações e subjetividades que transpassam o dito. As práticas inventivas do cotidiano mostram a polifonia dos autores sociais ditos “excluídos” pela sociedade do consumo.

Entre os idosos(as) participantes do Centro de Convivência que foram entrevistados, a participação em programas de terceira idade, a possibilidade de criação de laços afetivos, embora flexíveis e fluídos, e, de uma rede de solidariedade por meios de sociabilidades dão significado aos seus cotidianos, permitem uma reinvenção dos aspectos subjetivos que os afligem, são importantes para a construção de suas identidades etárias. Uma senhora que fora entrevistada, por exemplo, é uma mulher de 80 anos que mora sozinha por nunca ter casado, ela diz: “eu vou dormir pensando em vim pr’aqui...” relata com alegria, pois para ela a possibilidade da construção de laços sociais, mesmo que sejam efêmeros, traz significados para seu dia-a-dia; as socializações possibilitadas pela participação no centro preenchem sua solidão.

O Centro de Convivência de Campina Grande é um programa que reúne idosos de vários grupos de terceira idade da cidade entre outros idosos, atualmente conta com trezentos idosos cadastrados e com uma equipe multidisciplinar que trabalha diariamente para execução das tarefas destinadas aos participantes. O Centro fica a cargo da prefeitura municipal da cidade, não

há pré-requisito para os idosos participarem, “basta querer” diz a coordenadora do centro. Os idosos participantes têm idade variável entre 50 e 90 anos e participam das várias atividades, sendo a maioria mulheres.

São homens e mulheres que vivem um tempo hedonista, comungam a construção de um projeto de vida próprio, querem ser felizes e investem nessa busca de felicidade por meio do contato com os outros participantes, buscam, através dessas práticas de sociabilidades, resignificações para as dores de uma vida marcada por solidão, abandono, sofrimentos; recriam uma temporalidade através de novos valores e simbolismos, no chamado “tempo das tribos” (MAFFESOLI: 2006).

Os sentimentos de jovialidade partilhados pelos participantes do Centro de Convivência vão construindo as identidades corpóreas, vão delineando as subjetividades e as relações de um grupo que se une nas práticas de sociabilidades partilhadas. As atividades de lazer: jogo de cartas, coral, dança do arco, desfiles da garota primavera entre outras, assim como as rodas de discussões circulam em torno de um desejo de não-velhice e de reafirmação de uma “juventude de espírito”; citando as palavras da coordenadora em um dia de atividade do Centro: “aqui não existe ninguém velho”. As práticas de sociabilidades são planejadas pensando na coletividade, o estar-junto é valorizado dentro do universo cultural pulsante que é o Centro de Convivência.

Sentir-se velho(a), esse não é um sentimento que faz parte do universo sensitivo da maioria dos entrevistados no Centro de Convivência - no tocante a essa discussão a autora Anita Néri(1995) trabalha com os conceitos de velhice psicológica, biológica e social. Desde o início da pesquisa, os sentimentos de velhice que são evidenciados pelos participantes entrevistados vêm à tona com uma força ávida de expressão festiva. Uma alegria que é revelada através de palavras e gestos, de expressões e códigos usados e que demonstram uma ambiência marcada por sentimentos de vivacidade e autonomia.

Ser velho(a) - com todas as implicações pejorativas e deficitárias repassadas socialmente – é um sentimento resignificado através das práticas cotidianas no Centro de Convivência, mediante a demonstração de um “espírito jovem” que cada participante carrega consigo, usando aqui as palavras de um dos participantes quando perguntado se ele se sentia velho, diz: “eu me sinto igual a você, só quando me olho no espelho é que vejo que não sou mais jovem, mas, eu tenho espírito de jovem”. São colocações que refletem uma concepção de velhice sustentada e reafirmada pelos moldes de juventude, de jovialidade, são concepções trazidas a partir de um ideário construído pelos programas de terceira idade - sentimentos de velhice que expressam juventude.

A participação no Centro de Convivência é uma alternativa, para muitos dos entrevistados, de recuperar uma dimensão do vivido corporal; as práticas de sociabilidades levam as pessoas envolvidas a comungarem um sentimento de pertença, de festividade, pois, algumas práticas convergem para uma redefinição de juventude; como é o caso da escolha da “garota primavera” onde as idosas participam de um desfile para depois serem julgadas e uma ser escolhida a “garota primavera”. O termo garota traz imbricado um sentimento de jovialidade que é perseguido enquanto valor pela sociedade, e enfatizados pelos grupos de terceira idade.

Guita Debert em seu livro *A Reinvenção da Velhice* questiona a criação dos grupos de terceira idade, principalmente no tocante a ênfase destes na velhice ativa enquanto ideal a ser seguido como solução para uma velhice bem sucedida. Ela mostra que “esses espaços são arenas privilegiadas para a negação da velhice”. (DEBERT: 1999:15) Mas ao mesmo tempo mostra que há uma proliferação dos programas no Brasil, e sua contribuição. “Estes programas, encorajando a busca da auto-expressão e a exploração de identidades de um modo que era exclusivo da juventude, abrem espaços para que uma experiência inovadora possa ser vivida coletivamente e indicam que a sociedade brasileira é hoje mais sensível aos problemas do envelhecimento.” (DEBERT: 2004: 15).

A invenção da terceira idade traduz novas configurações das experiências de velhice, onde se intensifica cada vez mais uma “comunidade de aposentados”. O termo foi originado na França com a criação das “Universités Du Troisième Age” na década de 70 e tem se popularizado no Brasil, na forma de uma política específica para a velhice. É destacável a maior participação do público feminino nessas formas de sociabilidades, os homens se mostram mais reservados e indiferentes.

O autor Michel Maffesoli vai falar em seu livro *O Tempo das Tribos*, sobre a formação de microgrupos sociais que compartilham os mesmos valores, os mesmos sentimentos, emoções etc., são as “comunidades emocionais” - entendendo aqui “comunidade emocional” como uma “categoria” que talvez nem exista no plano real, mas que pode servir como um revelador de situações presentes - suas constituições permitem uma “estética” comum, a formação de um laço social comum, ou seja, tipificam uma emoção coletiva, uma sensibilidade coletiva que ultrapassa a atomização individual, uma solidariedade orgânica que se expressa em inúmeras formas no meio social, geralmente grupos de iguais.

O “desenvolvimento tribal” característica que se presentifica no substrato cotidiano é uma ferramenta de compreensão do mundo contemporâneo. O individualismo tem cedido espaço para o aparecimento de agrupamentos sociais que funcionam sob um clima de ressurgimento do solidarismo e de organicidade e são explicados dentro da tessitura das redes que configuram as

relações sociais. Maffesoli usa as metáforas de “tribo ou tribalismo” para designar o conjunto complexo das formações desses reagrupamentos:

“...pretendo insistir no aspecto “coesivo” da partilha sentimental de valores, de lugares ou de ideais que estão, ao mesmo tempo, absolutamente circunscritos(localismo) e que são encontrados, sob diversas modulações, em numerosas experiências sociais”.
(MAFFESOLI: 2006:5).

São reagrupamentos que se formam com frequência e, têm como base o “sentir em comum” através de uma multiplicidade de situações, de experiências, de rituais; são, portanto, as formas encontradas por determinados grupos, aqui em questão os idosos participantes do Centro de Convivência, para a comunhão de um sentimento coletivo, que possibilita o “estar junto” mesmo que seja à toa, e pode, no entanto, ser adquirido com o desenvolvimento de sociabilidades que se gestam na tentativa de provocar uma fuga da solidão, do sentimento de isolamento que pode se tornar tão intenso com a longevidade e o aumento do tempo livre.

Essa junção de pessoas que se formam com interesses comuns é uma característica que vem se tornando comum em nossa sociedade. Para Maffesoli “o indivíduo não pode viver isolado, ele está ligado, pela cultura, pela comunicação, pelo lazer e pela moda, a uma comunidade” (MAFFESOLI: 1998: 140). Ele ainda atenta no seu livro para a falta de objetivo das relações de amizade que se formam, são redes que se formam sem um projeto específico, “a religião é vivida por ela mesma”, seria, portanto, uma sensibilidade mística que fundamentaria a perdurância das relações. E essas por sua vez são encaradas a partir da idéia de sacralidade, que se expressaria dentro das realidades cotidianas, na partilha dos gestos rotineiros e que teriam sua fundamental importância “...o estar-junto é um dado fundamental...ele consiste nessa espontaneidade vital que assegura a uma cultura sua força e sua solidez específicas” (1998: 140).

Dessa forma, o envolvimento nas atividades dos grupos de terceira idade permite aos participantes a possibilidade de criação de vínculos simbólicos, tentativas de inserção capazes de provocar um rearranjo nas relações sociais, maneiras de vivenciar uma identidade etária mais flexível e com características mais diversas, muito embora, prevaleçam de forma atávica os sentimentos de jovialidade como sendo os responsáveis pelo sentimento de pertencimento subjetivado em cada participante entrevistado no universo cultural do Centro de Convivência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, Myriam Moraes Lins de (org.). **Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vidas Desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- BOBBIO, Norberto. **O Tempo da Memória: De senectute e outros escritos autobiográficos**. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.
- CERTEAU, Michel de. **A Invenção de Cotidiano: 1- artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994
- DEBERT, Guita Grin. **A Reinvenção da Velhice: socialização e processos de privatização do envelhecimento**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2004.
- ELIAS, Norbert. **A Solidão dos Moribundos- seguido de envelhecer e morrer**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001
- LIPOVETSKY, Gilles. **Tempos Hipermodernos**. São Paulo: Editora Burcarolla, 2004.
- MAFFESOLI, Michel. **O Tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades pós- modernas**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- MAGRO, Viviane M. de Mendonça. Espelho em Negativo: a idade do outro e a identidade etária.(p.33-46) **In: Infância e Velhice pesquisa de idéias**. Neusa Maria Mendes de Gusmão (org) São Paulo: Alínea, 2003.
- NÉRI, Anita Liberalesso et al (org.). **As Múltiplas Faces da Velhice no Brasil**. São Paulo: Alínea, 2003.
- NÉRI, Anita Liberalesso (org.). **Psicologia do envelhecimento**. Campinas São Paulo: Editora papyrus, 1995.
- ORTEGA, Francisco. **O corpo incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea**. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.
- SCHIRRMACHER, Frank. **A Revolução dos idosos: o que muda no mundo com o aumento da população mais velha**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

